
A LUTA CORPORAL

**PREFÁCIO
MIGUEL CONDE**

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Ferreira Gullar

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e projeto gráfico

Elaine Ramos

Preparação

Livia Deorsola

Revisão

Marina Nogueira

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Gullar, Ferreira, 1930 – 2016

A luta corporal / Ferreira Gullar ; prefácio de Miguel Conde. – 1ª ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

ISBN 978-85-359-2864-8

1. Poesia brasileira I. Conde, Miguel. II. Título.

17-00661

CDD-869.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira 869.1

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/ciadasletras

11 **Prefácio**
Miguel Conde

29 **As ásperas primaveras**
Ferreira Gullar

33 **A LUTA CORPORAL
(1950-1953)**

35 **Sete poemas portugueses**

37 Três

38 Quatro

39 Cinco

40 Seis

41 Sete

42 Oito

43 Nove

44 O anjo

46 Galo galo

49 A galinha

51 **O mar intacto**

53 P.M.S.L.

55 O trabalho das nuvens

58 As peras

60 A avenida

63 **Um programa de homicídio**

65 Carta do morto pobre

73 **O cavalo sem sede**

75 Os reinos inimigos

76 Os jogadores de dama

77 Ninguém sabe em que
território de fogo

78 Um abutre no ar violento
do quarto

79 Quando espanquei
o garoto ossudo

80 Agora quis descer,
e não havia chão

81 Os da terra

82 Vieste, Harry, Joe ou John

- 83 Os seres riem num espaço de
luzes concisas
- 84 O abismo da verdura
- 85 Aqui sentou-se o som,
o opaco, som; aqui?
- 86 Deixa, os velhos soldados já
estão secos
- 87 Eu habitante do vento

89 **As revelações espúrias**

- 91 Carta ao inventor da roda
- 93 Carta de amor ao meu
inimigo mais próximo
- 94 *The Sky Above Us*
- 95 Denúncia ao comissário
de bordo
- 97 Falsas confidências a um cofre
de terra apreendido em Oklma
- 100 Machado
- 103 Os ossos do soluço
- 104 O soluço, a impersistência
de Quéops

105 **A fala**

107 As crianças riem no esplendor
das frutas, Vina

108 Falemos alto. Os peixes
ignoram as estações e nadam

109 O culto do sol perdeu os
homens; os restos de suas
asas

110 Esta linguagem não canta
e não voa

111 O teu mais velho canto

112 Fora, é o jardim, o sol — o
nosso reino

113 Um fogo sem clarão queima
os frutos

114 Um fogo sem clarão cria os
frutos deste campo

119 Movimento — tão pouco é o ar

120 As cavernas jamais tocadas

121 O mito nos apura

- 122 Chão verbal
123 Flores diurnas, minhas feras
124 Sobre a poeira dos abraços
125 Na minha irascível pátria
126 As rosas que eu colho
127 Aranha
128 O quartel
129 O arsenal
134 Cerne claro, cousa
135 Há os trabalhos e (há) um
sono inicial
136 Roçzeiral
140 O inferno
145 Finda o meu sol
147 Negror n'origens

151 **Sobre o autor**

**A LUTA
CORPORAL
(1950-1953)**

**SETE POEMAS
PORTUGUESES**

Vagueio campos noturnos
Muros soturnos
paredes de solidão
sufocam minha canção

A canção repousa o braço
no meu ombro escasso:
firmam-se no coração
meu passo e minha canção

Me perco em campos noturnos
Rios noturnos
te afogam, desunião
entre meus pés e a canção

E na relva diuturna
(que voz diurna
cresce cresce do chão?)
rola meu coração

4

Nada vos oferto
além destas mortes
de que me alimento

Caminhos não há
Mas os pés na grama
os inventarão

Aqui se inicia
uma viagem clara
para a encantação

Fonte, flor em fogo,
que é que nos espera
por detrás da noite?

Nada vos sovino:
com a minha incerteza
vos ilumino

Prometi-me possuí-la muito embora
ela me redimisse ou me cegasse.
Busquei-a na catástrofe da aurora,
e na fonte e no muro onde sua face,

entre a alucinação e a paz sonora
da água e do musgo, solitária nasce.
Mas sempre que me acerco vai-se embora
como se me temesse ou me odiasse.

Assim persigo-a, lúcido e demente.
Se por detrás da tarde transparente
seus pés vislumbro, logo nos desvãos

das nuvens fogem, luminosos e ágeis!
Vocabulário e corpo — deuses frágeis —
eu colho a ausência que me queima as mãos.

Calco sob os pés sórdidos o mito
que os céus segura — e sobre um caos me assento.
Piso a manhã caída no cimento
como flor violentada. Anjo maldito,

(pretendi devassar o nascimento
da terrível magia) agora hesito,
e queimo — e tudo é o desmoronamento
do mistério que sofro e necessito.

Hesito, é certo, mas aguardo o assombro
com que verei descer de céus remotos
o raio que me fenderá no ombro.

Vinda a paz, rosa-após dos terremotos,
eu mesmo juntarei a estrela ou a pedra
que de mim reste sob os meus escombros.

Neste leito de ausência em que me esqueço
desperta o longo rio solitário:
se ele cresce de mim, se dele cresço,
mal sabe o coração desnecessário.

O rio corre e vai sem ter começo
nem foz, e o curso, que é constante, é vário.
Vai nas águas levando, involuntário,
luas onde me acordo e me adormeço.

Sobre o leito de sal, sou luz e gesso:
duplo espelho — o precário no precário.
Flore um lado de mim? No outro, ao contrário,
de silêncio em silêncio me apodreço.

Entre o que é rosa e lodo necessário,
passa um rio sem foz e sem começo.

Quatro muros de cal, pedra soturna,
e o silêncio a medrar musgos, na interna
face, põe ramos sobre a flor diuturna:
tudo que é canto morre à face externa,
que lá dentro só há frieza e furna.

Que lá dentro só há desertos nichos,
ecos vazios, sombras insonoras
de ausências: as imagens sob os lixos
no chão profundo de osgas vis e auroras
onde os milagres são poeira e bichos;

e sobretudo um tão feroz sossego,
em cujo manto ácido se escuta
o desprezo a oscilar, pêndulo cego;
nada regula o tempo nessa luta
de sais que ali se trava. Trava? Nego:

no recinto sem fuga — prumo e nível —
som de fonte e de nuvens, jamais fluis!
Nem vestígios de vida putrescível.
Apenas a memória acende azuis
corolas na penumbra do impossível.

Fluo obscuro de mim, enquanto a rosa
se entrega ao mundo, estrela tranquila.
Nada sei do que sofro.

O mesmo tempo
que em mim é frustração, nela cintila.

E este por sobre nós espelho, lento,
bebe ódio em mim; nela, o vermelho.
Morro o que sou nos dois.

O mesmo vento
que impele a rosa é que nos move, espelho!

O anjo

O anjo, contido
em pedra
e silêncio,
me esperava.

Olho-o, identifico-o
tal se em profundo sigilo
de mim o procurasse desde o início.

Me ilumino! todo
o existido
fora apenas a preparação
deste encontro.

2

Antes que o olhar, detendo o pássaro
no voo, do céu descesse
até o ombro sólido
do anjo,
 criando-o
— que tempo mágico
ele habitava?

3

Tão todo nele me perco
que de mim se arrebentam
as raízes do mundo;
tamanha
a violência de seu corpo contra
o meu,
 que a sua neutra existência
se quebra:
 e os pétreos olhos
 se acendem;
 o facho
emborcado contra o solo, num desprezo
à vida
arde intensamente;
 a leve brisa
 faz mover a sua
 túnica de pedra

4

O anjo é grave
agora.
Começo a esperar a morte.